



DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE À PESQUISA DE CAMPO- AS CONTRIBUIÇÕES DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS PARA A CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

FROM THE PARTICIPANT OBSERVATION TO FIELD RESEARCH - AS CLAUDE LÉVI-STRAUSS'S CONTRIBUTIONS TO ANTHROPOLOGY SCIENCE

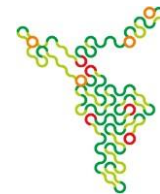
Josefa Alessandra da Silva Santos¹

RESUMO: A antropologia - estudo do homem, é uma ciência que tem a sua evolução alicerçada pelas construções teóricas, em relevo o estruturalismo e funcionalismo. Na atualidade a antropologia se fundamenta no tripé investigativo e interdisciplinar- a ciência social que tem o homem como objeto investigativo a partir da sua condição grupal; a ciência humana estuda o homem dentro de uma perspectiva omnilateral com o uso deste repertório na construção de identidades individuais e como participantes de grupos organizados; e a ciência biológica (natural) investiga o arcabouço somático dos indivíduos diante de sua evolução tanto física quanto genética e suas interações com o ambiente circundante. Esta tríade investigativa se assenta em premissas metodológicas que garantem um rol de ferramentas técnicas com vistas a responder demandas próprias da ciência antropológica, O funcionalismo com sua ênfase nas relações e nas condições de ajustamentos presentes nos múltiplos componentes de uma dada cultura ou sociedade. Já, o estruturalismo ofereceu à antropologia a condição investigativa campal como uma das ferramentas metodológicas de extrema relevância para a pesquisa. Indiscutivelmente há um lugar de relevo para os apontamentos de Claude Lévi-Strauss com inegáveis e inestimadas contribuições para a epistemologia e as diversas áreas das ciências humanas, especialmente para a pesquisa em antropologia. Diante do exposto, este artigo tem como objetivo primal apresentar a evolução da antropologia quanto ao seu método investigativo com especial relevo para as contribuições de Lévi-Strauss para a fundação da sua abordagem metodológica. Para tanto, o método de pesquisa empregado para elaboração deste documento em tela será uma investigação bibliográfica.

Palavras-Chave: Antropologia. Estruturalismo. Funcionalismo. Método.

ABSTRACT: Anthropology is derived from Latin (anthropos = man; ologos = studies), study of man, is a science that has its evolution based on theoretical constructions, relief or structural and functionalism. Currently, anthropology is based on scientific and interdisciplinary research - social science that has man

¹ Mestre em ciências da educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales-Asunción – Paraguay. E-mail.: sandrasantos148@yahoo.com.



as an investigative object from his group condition; a human science studies man from an omnilateral perspective using this whole repertoire in the construction of individual identities and as participants in organized groups; and a scientific (natural) scientific investigation or somatic framework on the front sides of both its physical evolution and its genetics and its interactions with the surrounding environment. This investigative investigation is based on the methodological premises that guarantee a roll of technical tools with a view to meeting the demands of anthropological sciences. Structuralism, on the other hand, offers anthropology to the field investigative condition as one of the extremely relevant methodological tools for a research. Arguably, there is a prominent place for Claude Lévi-Strauss's indicators with undeniable and invaluable contributions to an epistemology and to various areas of the humanities, especially for research in anthropology. Given the above, this article aims to present an evolution of anthropology on the investigative method with special emphasis to Lévi-Strauss contributions to a foundation of his methodological approach. Therefore, the research method proposed for the elaboration of this document on the screen will be a bibliographic investigation.

Keywords: Anthropology. Structuralism. Functionalism. Method.

INTRODUÇÃO

A terminologia antropologia é derivada latim (*anthropos*= homem; *logos*= estudos), estudo do homem é uma ciência que tem a sua evolução alicerçada pelas construções teóricas, em relevo o estruturalismo e funcionalismo. Na atualidade a antropologia se fundamenta no tripé investigativo e interdisciplinar- No campo da ciência social tem o homem como objeto investigativo a partir da sua condição grupal; na ciência humana, estuda o homem dentro de uma perspectiva omnilateral, abarcando a sua história, costumes, suas crenças, a linguagem e o uso de todo este repertório na construção de identidades individuais e como participantes de grupos organizados; e a ciência biológica (natural) investiga o arcabouço somático dos indivíduos diante de sua evolução tanto física quanto genética e suas interações com o ambiente circundante.

Este tríade investigativa se assenta em premissas metodológicas antropológicas que garantem um rol de ferramentas técnicas com vistas a responder demandas próprias da ciência antropológica, porém, esse caminho em busca de métodos que respondam as inquietações investigativas receberam importantes contribuições tanto do funcionalismo quanto do



estruturalismo, sem descartar o aporte anterior e posterior a essas duas construções teóricas.

O funcionalismo com sua ênfase nas relações e nas condições de ajustamentos presentes nos múltiplos componentes de uma dada cultura ou sociedade, se assemelha potencialmente a um método interpretativo da realidade, já o estruturalismo ofereceu a antropologia a condição investigativa campal como uma das ferramentas metodológicas de extrema relevância para a pesquisa.

Indiscutivelmente há um lugar de relevo para os apontamentos de Claude Lévi- Strauss tanto para o enriquecimento da filosofia, ou com um olhar mais ampliado sobre a história da ciência, assim como, é inegável as suas inestimadas contribuições para a epistemologia e as diversas áreas das ciências humanas, especialmente para a pesquisa em antropologia.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo primal apresentar a evolução da antropologia quanto ao seu método investigativo com especial relevo para as contribuições de Lévi-Strauss para a fundação da sua abordagem metodológica. E concomitantemente, enumerar as contribuições das duas teorizações para a construção da antropologia enquanto ciência. Para tanto, a metodologia empregada para elaboração deste documento em tela será uma investigação bibliográfica com ênfase nas contribuições do estruturalismo strussaliano para a sedimentação da antropologia com ciência.

2 Apontamentos gerais sobre a antropologia

Definida como a “ciência do homem”, a antropologia investiga o tanto no macro espaço (a coletividade) e nas suas relações integralizadas (homem e mulher). De pronto, o homem “pode ser objetivado, medido, calculado e dimensionado no tempo e no espaço”. GOMES (2008, p. 30). Essa condição aloca o homem no mesmo espaço dos demais objetos científicos.

Os pressupostos antropológicos averbam que não uma uniformidade de ideias nos variados ambientes. A variabilidade tem causas múltiplas, podendo ser exógenas, como testifica BOAS, (2009, p. 27). “baseadas no ambiente, [...] quanto interna, isto é, fundada sobre condições psicológicas” A confluência dos



fatores endógenos e exógenos dá forma a um conjunto de leis que governa o desenvolvimento cultural. Sob a perspectiva straussiana (1958), a ciência antropológica “apresenta uma concepção de mundo ou um modo original de levantar questões que não são necessariamente simples como e costuma pensar.” BOAS, (2009).

A antropologia enquanto ramo científico investiga as diversas formatações de cultura da humanidade, deste modo, com vasto campo para a pesquisa, já que, atinge todo orbe terrestre sob os aspectos temporais e no tempo dentro das suas manifestações- passado, presente e futuro. ALVES (2007) Essa amplitude e alto grau de especialidade temática reverberam os diversos ramos da ciência antropológica “[...] no que se refere aos seus distintos aspectos dimensões da experiência humana”. HARRIS, (1996, p.27).

A antropologia se subdivide em dois distintos lócus de estudos- antropologia biológica, que é comumente chamada de antropologia física e a antropologia cultural. Esses dois campos analíticos tem objetivos e métodos com suas especificidades e alto grau de definição.

Nesse sentido, duas questões de extrema importância científica orientam as pesquisas antropológicas no campo biológico: a primeira é localizar a posição do homem enquanto homo sapiens na sua ordem e na sua escala de evolução. A segunda questão é entender o quanto de “animal”, de ser da natureza, de orgânico, ainda existe no homem tal que ele é hoje. No século XIX, a partir do advento da descoberta da molécula de DNA, pesquisas a partir de marcadores genéticos excederam de forma fundamental o processo de evolução de polimorfismos. (AGRA, 2014, p. 12).

Já a antropologia cultural se mostra como o ramo mais ampliado da antropologia que acolhe desde as investigações do homem enquanto sujeito cultural, dito de outra forma, como o elaborador da cultura. Pesquisa as diversas culturas humanas condicionadas a variabilidade temporal e de espaço, as bases destas culturas e o seu processo de desenvolvimento, as suas indissiocrasias e dessemelhanças com outros agrupamentos humanos. Se apoiando em Lévi-Strauss (1958), a investigação antropológica de cunho cultural faz uso de métodos e ferramentas técnicas próprias deste ramo da antropologia em direção a “supertécnica” que é o exercício político e social que condiciona a vida dos sujeitos em sociedade.



No mesmo sentido, é dito que a função da ciência antropológica cultural, segundo DAMATTA (2017, p. 143), é de “[...] interpretar as diferenças culturais na medida em que elas formam sistemas culturais integrados. Sua função é captar o essencial das culturas e buscar uma verdadeira compreensão desses sistemas.” Em complementação a exposição anterior a “[...] antropologia cultural estuda o social em sua evolução, particularmente sob o ângulo dos processos de contato, difusão, interação e aculturação.”. LAPLANTINE, (2009, p. 13) Por analogia antropologia cultural e social trata em absoluto todos os elementos constituintes da tessitura social, se ampliando na análise dos produtos econômicos, organização jurídica, política e social, dogmas religiosos, criações artísticas, entre outros. SIQUEIRA (2007).

2.1 Reflexões introdutórias acerca dos principais paradigmas das escolas antropológicas

A formação do primeiro compêndio antropológico surgiu a partir dos relatórios de viagens elaborados por viajantes, exploradores do novo mundo, missionários e que se deslocavam para as terras do além-mar europeu. OS relatos de viagens tratavam sobre a topografia, flora e fauna das localidades exploradas pelos europeus em sua política colonizadora. Dentre as referências, as mais ilustrativas estão “A carta do Descobrimento do Brasil”, escrita por escrito por Pero Vaz de Caminha no séc. XVI; a Carta de Hans Staden, “Duas Viagens ao Brasil”, no séc. XVI; e a Carta de Jean de Léry, “Viagem a Terra do Brasil”, no séc. XVI.” AGRA, (2014, p.15). Nestes documentos há vestígios descritivos sobre os comportamentos, modo de vida e a organização social dos povos indígenas encontrados nas terras brasileiras.

No cerne do século XIX, as primeiras pesquisas do evolucionismo unilinear fundamentam as suas bases na teoria da evolução sob o enfoque cultural e apresenta como uma dos seus resultados que, para AGUIAR, OLIVEIRA e PEREIRA, (2010, p. 24), atesta que “[...] o homem passaria por estágios da evolução cultural: da selvageria à barbárie, da barbárie à civilização e da civilização ao estado da perfeição relativa”. Essas pesquisas iniciais tinham como base investigativa das culturas para além-mar do velho



mundo. A metodologia analítica ganhava o status 'pesquisa de gabinete' por se basear em relatos de missionários e viajantes que adentravam novos grupos culturais a partir da Europa. "Nesse instante, delinearam-se duas ideologias concorrentes, a primeira se manifesta por uma recusa pelo estranho e a segunda, por uma fascinação." AGRA, (2014, p. 15). A primeira premissa se assentava no ideário que as civilizações alheias à cultura europeia eram circunspectas pelo primitivismo e selvageria, e sobrepujados pela natureza e destituídos de arcabouço normativo e histórico. SIQUEIRA, (2007).

E dentre os enaltecedores da ideologia do fascínio por essas civilizações, enaltecia sobre o grau de complexidade de sistemas econômicos e políticos em consonância com a natureza circundante. Em relevo, os caminhos antropocêntricos para tratar da diversidade cultural tomava como ponto de partida a Europa na condição comparativa com as demais civilizações. SIQUEIRA, (2007). E deste modo, fundou-se uma teorização idealista, e que LIDORIO (2006, p. 07) aclara que "[...], tendo como ideal o europeu, sua sociedade e tecnologia. Esta teoria criou a plataforma filosófica para o domínio europeu no novo mundo e foi desenvolvida dentro do cenário dos escritos e pensamento de Spencer." Dito de outra maneira, a antropologia científica sob a égide do discurso predominantemente evolucionista dá forma ao neocolonialismo europeu que avança sobre o continente africano, a Oceania e Ásia. ALVES e SANTOS (2007).

Emile Durkheim ao publicar a sua obra introdutória Regras do Método Sociológico, em 1895, traz uma proposição acerca da complexidade dos eventos sociais, nascendo neste momento, o fenômeno social como um dos objetos da pesquisa sócio antropológica. "Com Mauss, Durkheim se debruça nas representações primitivas, estudo que culminará na obra Algumas formas primitivas de classificação, publicada em 1901. " ALVES e SANTOS (2007, p. 56). Fenômeno que inaugurou a linha francesa nas investigações antropológicas.

Nos Estados Unidos, Franz Boa elabora seus *constructos* desenvolvendo a tese que cada cultura tem irmanada uma historia singular,



que obedecem as leis internas, logo, deve ser investigada dentro do seu próprio contexto. Boas, tece as bases do Culturalismo, e no sopé, reloca a *'investigação de gabinete'* para a investigação campal. SABINO e CARVALHO, (2013).

Deste movimento nasceria posteriormente a escola antropológica da Cultura e Personalidade. O particularismo histórico questionou o evolucionismo unilinear propondo que cada cultura possui sua historicidade que demanda respeito. São atacadas as comparações idealistas culturais. Advoga também o que seria o protótipo da observação participativa na qual o pesquisador interage com o povo alvo. Desenvolveu o método indutivo (do particular para o geral) contrapondo a antropologia clássica da época, generalista. (LIDORIO, 2007, p. 08).

Inicia o processo de construção dos pressupostos antropológicos em direção à cientificidade das suas elaborações, e se apartando do controle da Europa neocolonialista, oportunizando a sua elaboração epistemológica "[...], seus objetos de estudos, seus métodos teóricos e de pesquisa de campo, suas escolas (francesa, britânica, norte-americana e alemã) desde o século XIX, até o presente do século XXI." ALVES e SANTOS (2007, p. 32)

Sem seguida, na década de 1940, emerge na França a Antropologia Estrutural a partir das teorizações de Lévi-Strauss que advoga a respeito de leis estruturantes advindo do arcabouço cultural que se reflete na mente humana. Sobre este aspecto LIDORIO, (2007, p. 08) afiança que "desta forma estas regras constroem pares de oposição para organizar o sentido". E suas construções se utilizam "[...] de duas fontes principais: a corrente psicológica criada por Wundt e o trabalho realizado no campo da linguística, por Saussure, denominado Estruturalismo." AGUIAR, OLIVEIRA e PEREIRA (2010, p. 34). O etnologista francês sofre grande influência de "Durkheim, Jakobson com a teoria linguística, Kant com o idealismo de Mauss." AGRA (2014, p. 15)

O estruturalismo traz contribuições importantes para o campo antropológico quando afiança que a compreensão do padrão mental, dos signos comunicacionais e o pensamento dos indivíduos de uma cultura são pressupostos primários para compreender a complexidade cultural de uma dada cultura. Sendo, "A finalidade maior encontrar o que foi chamado de pensamento coletivo, pois esse aglutinaria impressões e valores de um povo.



Valoriza-se o registro (e interpretação) de lendas e mitos.” LAPLANTINE (2009, p. 13)

Fazendo um contraponto com as teorizações antropológicas da época, e faz proposições acerca da compreensão e investigação cultural partindo de um rol de valores que estão concatenados, igualmente, “todos os aspectos que definem uma sociedade fazem parte de um todo que pode ser entendido como cultura. Desta forma vemos o nascimento da distinção entre etnografia e etnologia.” LIDORIO (2016, p. 09). Atentando para a necessidade investigativa para além da descrição das atividades empreendidas por um determinado grupo ou segmento social, sendo produto de uma constituinte cultural, cabendo ao pesquisador abarcar a compreensão da identidade grupal.

Logo, “estrutura social é o ponto central em uma sociedade e todas as atividades e fatos sociais (valores, religião, organização familiar etc.) são desenvolvidos com a finalidade de manter a estrutura social estável.” AGUIAR, OLIVEIRA e PEREIRA (2010, p. 34). Ocorrendo um processo desequilibrante, o grupo social fará uso de novas ferramentas, conjunto de valores ou atividades que restabeleçam o equilíbrio para aquela tessitura social.

As teorizações, aclamada como o Neoevolucionismo de Leslie White e do antropólogo americano Julian Steward, atrelavam a evolução cultural à luta do sujeito contra a natureza. Sendo, o controle da natureza pelo homem garantindo a sua subsistência, conforto e segurança a base para a sedimentação de uma nova fase da sociedade. “Steward defendia, porém, que as mudanças ambientais foram as principais causadoras das mudanças culturais e prevê que as grandes possíveis mudanças ambientais puderam resultar em mudanças gerais na humanidade.” AGRA (2014, p. 21). Prontamente, afirmava que era imprescindível a manutenção do instinto adaptativo do homem ao ambiente para garantir os meios de prover a sua subsistência e segurança.

2.2 As bases fundantes do funcionalismo antropológico

A origem do funcionalismo está intimamente ligada à antropologia com relevo para os escritos do antropólogo Bronisław Kasper Malinowski (1922) e o



antropólogo e etnólogo britânico Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1952) que tiveram nos postulados de Durkheim as referências para as teorizações iniciais do funcionalismo. Opositores do darwinismo, estes autores contestaram as teorizações dos evolucionistas que afirmavam acerca do processo civilizatório era decorrente do aperfeiçoamento de cunho social e biológico.

Malinowski e Radcliffe-Brown tornaram-se percussores da antropologia moderna ao investigarem os eventos sociais grupais e tecer comparações a partir das condições relacionais do próprio grupo. Deslocaram o eurocentrismo trazida pelos evolucionistas como parâmetro comparativo para as demais civilizações estudadas.

As investigações de Malinowski sobre os trobianeses, na região do Pacífico Sul, trouxe uma abordagem analítica e explicativa acerca dos fatos culturais com base em estruturas sociais mais elaboradas e abrangentes, porém próprias do grupo em estudo.

Essa condição de análise é conceituada por teleológica, sendo uma terminologia de extrema representatividade para o funcionalismo. Seus estudos sobre esse grupo habitante de Papua-Nova Guiné revelaram para o antropólogo polaco que “[...] em cada tipo de civilização, cada costumes, cada objeto material, cada ideia e crença preenche alguma função vital, tem alguma tarefa a desempenhar, representa uma parte indispensável num todo funcional”. MACEDO, (2015, p. 72)

Os pressupostos investigativos devem ser estender para além da compreensão cultural, o investigador deve se debruçar no estudo da língua e as estruturações próprias destes signos que, por conseguinte, revelaria categorizações factuais dos sujeitos, para “[...] em relação ao mundo. Neste cenário, a fala era vista como um modo de ação e não a contraparte do pensamento. O sentido das palavras deveria ser extraído a partir [...] da sua função enquanto meio de comunicação social”. MACEDO, (2015, p. 72)

O funcionalismo sofreu diversas críticas na época, uma das mais contundentes reportava-se a ideia de cultura como organismos, SILVA (2011, p. 88) elucida que “a dificuldade de explicar por que as mesmas necessidades



não levam a soluções semelhantes nas diversas culturas, à ênfase no equilíbrio ou estabilidade no todo”, sem que fossem discutidos os hiatos modificacionais próprios da condição humana.

Porém, as críticas direcionadas a teoria funcionalista não obscurece as inconteste contribuições destes pressupostos, responsáveis pela fundação da antropologia social como bem se posiciona Macedo (2015, p. 72), “através do trabalho de campo, isto é, dos estudos ‘in loco’, as tentativas de compreender as diferentes formas de pensar puderam pela primeira vez ser examinadas.” A partir destas investigações destituídas da ideologia etnocêntrica “o homem trobriandês pôde ser comparado em condições de igualdade com o europeu.” Abrindo um vasto campo investigativo para traçar comparativos intraculturais e interculturais.

2.3 As bases fundantes da Escola estruturalista para a ciência antropológica

A gênese do estruturalismo tem suas bases fundadas em ocorrências frequentes nas investigações empíricas. “É uma tentativa de superação de um problema que aflige grande número de estudiosos no campo social: o da multiplicidade infinita de situações díspares.” THIRY- CHERQUES (2006, p. 139). De modo geral, o rigor cientificista e o esmero em detalhar o objeto investigado revela uma multiplicidade de dados que transforma a investigação em um lócus uno e desassemelhado com outras realidades, portanto, descritor de uma situacional específica em tempo e espaço. No mesmo sentido, DAMATTA (2017, p. 59) aclara que “[...] está diversidade, esta riqueza de situações, geralmente se revela um transtorno para os que realizamos pesquisas empíricas.”

É que quando utilizamos o processo indutivo, partindo dos dados particulares (fatos, experiências, enunciados empíricos) e, por meio de uma sequência de operações cognitivas, procuramos chegar a conceitos mais gerais, indo dos efeitos à causa, das consequências ao princípio, da experiência à teoria, isto é, quando procuramos encontrar pontos comuns entre aquela situação e outras que conhecemos, somos compelidos a limitar de tal maneira o número de coincidências comprováveis que terminamos por discorrer sobre o óbvio. Por outro lado, quando optamos por analisar os dados e informações a partir de alguma premissa teórica (processo dedutivo), somos constrangidos a deixar de lado a originalidade e a diversidade



das particularidades reveladas pela investigação. (THIRY-CHERQUES, 2007, p. 139).

Para romper com esse dilema, poucas alternativas são encontradas na ciência antropológica. Poucos caminhos epistemológicos se apresentam como alternativas e saídas. “A maioria envolve um forte aparato de abstração teórica, de sorte que, ao tentarmos ser fiéis à realidade sem perder o rigor científico, nos vemos tolhidos a optar entre um discurso infinito e um enunciado sobre o imaginário.” DAMATTA, (2017).

2.3.1 O caminho trilhado pelo etnólogo Lévi-Strauss

Diante desse intrincado cenário epistemológico Lévi-Strauss se encontrava. Havia dois caminhos para o etnólogo francês- Seguia as normativas científicas da época, e descartava seus achados investigativos, ou elaborava uma teoria que permitisse tratar seus achados com o rigor metodológico exigido. Decidindo pelo segundo caminho, Claude Lévi-Strauss, estabeleceu as bases teoréticas que respondesse ao o dilema da multiplicidade de dados sem casuísmos verificados nas investigações sociais.

Se apropriando das construções do pensamento dialético e da fenomenologia existencial e com aspectos herdados da geologia, o estruturalismo se fundamenta na pesquisa de campo, apartando-se do pensamento especulativo, como uma das suas tentativas de aproximar a teoria da *práxis*. Neste sentido, LARAIA (2007, p. 27) esclarece que “Lévi-Strauss procurou uma ponte entre o lógico e o empírico, um fundamento que pudesse dar conta da diversidade do mundo, um instrumental que fosse deduzido, ele também, do real.” Lévi- Strauss elaborou seus constructos que fosse para além de simples descritores empíricos “[...] que não resvalasse para o devaneio, para a pura abstração. Que fosse uma teoria do possível.” THIRY- CHERQUES (2006, p. 139). Em igualdade de pensamento é dito por ¹ SILVERWOOD-COPE, (2015, p. 40) que “A base científica criada por Lévi-Strauss, se propõe justamente isto: desenvolver uma teoria do logicamente possível, construída a partir do real concreto.”

Sendo assim, a mola motriz para a elaboração do estruturalismo nasceu da tríade: persuasão teórica, do descontentamento de Lévi-Strauss, e do acaso



que premiou o etnólogo francês. Em relevo, as bases teóricas do estruturalismo foram apreendidas do Antropólogo e sociólogo francês Marcel Mass (1872-1950), para efeitos de adorno, era sobrinho de Émile Durkheim.

A insatisfação procedia do contraste entre o verificável na vida social, notadamente na vida das sociedades primitivas, e os ensinamentos que daí se podia tirar. O acaso envolveu as peripécias da derrota francesa no começo da Segunda Guerra Mundial e a comunidade de intelectuais refugiados em Nova York, tempo e lugar em que Lévi-Strauss tem acesso aos progressos teóricos da linguística estruturalista de Saussure. TEIXEIRA, (2008, p. 35).

Suas andanças entre os exilados apresentaram a Claude Lévi-Strauss as considerações de Roman Jakobson em 1973 sobre filologia clássica e teoria mimética. Em uma das palestras proferidas por Jakobson no seu exílio em *New York*, apresentou o conceito da Semiologia que averba que as “[...] as relações entre os vocábulos e o mundo se estabelecem não por leis imanentes da natureza, mas por operações derivadas de relações estruturais profundas do espírito humano.” TEIXEIRA, (2008, p. 35).

Nesta oportunidade Lévi- Strauss compreendeu que a associação direta entre as palavras e as coisas representadas não devem se torna fator limitante para a compreensão da linguagem, a linguística se desconcentra do indivíduo que profere a palavra, da ciência psicológica que tratava do falante para se concentrarem Nas unidades linguísticas que segundo TEIXEIRA, (2008, p. 35). “formam estruturas subjacentes a qualquer idioma e a qualquer discurso. Formam relações de concordância, de subordinação e de ordem, que constituem estruturas invariantes universais.”

As bases teóricas do estruturalismo linguístico ofereceram a Lévi-Strauss à condição de superar as barreiras dicotômicas, “entre a realidade observável e o que pode ser coligido, ordenado e transmitido, entre o concreto e o que pode ser objeto de ciência.” THIRY- CHERQUES (2006, p. 139). Voltando suas atenções para análise descritiva verificada entre os elementos, alçando as relações observadas entre esses elementos como sistemas inteligentes, com bases empíricas que permitisse a sua representação em esquematizações lógicas- matemáticas. Ao identificar as normas gerais que regem esses sistemas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após fazer uma análise histórica no interior da antropologia, acerca dos seus primórdios investigativos, posteriormente visitando os constructos tanto da Escola Funcionalista quanto Estruturalista, é possível afirmar que há uma inegável evolução da '*pesquisa de gabinete*' até adentrar a pesquisa *in loco* para investigar as relações humanas que parte dos seus micros espaços representativos, com sistematizações simbólicas próprias de cada grupo social para a condição de imersão do pesquisador no campo investigativo.

Esse salto no método de investigação possibilitou importantes descobertas científicas e deslocou o eurocentrismo do modelo analítico derrubando teses imbricadas de adornos discriminatórios, e inclusive racistas. Os estudos introdutórios da antropologia demarcaram e classificaram as culturas que não se assentavam na díade clássica do velho mundo- civilização e ciência como destituídos da condição humana e civilizatória que é própria de cada cultura.

Um fato de extremo relevo que consubstancia a afirmativa em tela dirige-se as missões religiosas que adentraram as tribos brasileiras na época da invasão portuguesa no Brasil, e tinha como uma das finalidades "aculturar" e inserir costumes sociais e religiosos europeus á vida indígena. Um equívoco superado, vencida essa fase da antropologia, a atualidade mostra o sujeito investigador (antropólogo) alicerçado pelo método investigativo para a análise dos ritos, costumes, línguas, religiões e suas minucias com vista à compreensão do outro e descolonização dos constructos acadêmicos inflexionados pela matriz eurocêntrica.

Essas contribuições à antropologia devem ser endereçadas prioritariamente a Lévi-Strauss, não só pela sua obra icônica intitulada de *Tristes Trópicos* de 1955, que apresentava para o mundo das ciências as suas impressões sobre os povos indígenas brasileiros, igualmente por expor para o mundo o *pensar* indígena corroborando decisivamente para o enriquecimento dos trabalhos antropológicos nos diversos países, e especialmente contribuindo para a elevação da qualidade dos estudos antropológicos



brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Inara Cerqueira. **Antropologia e Arqueologia Forense: Uma Revisão Integrativa**– Porto Velho, UNIR, 2014.

AGUIAR, Rodrigo Luiz (org.); OLIVEIRA, Jorge Erimites (org.); PEREIRA, Levi Marques (org.). **Arqueologia, etnologia e etno-história em Ibero América: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. 1. Ed. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.

ALVES, Elizete Lanzoni; SANTOS, Sidney Francisco Reis. **Iniciação à Antropologia Jurídica – Por Onde Caminha a Humanidade?** 1. Ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo da antropologia. In: **Antropologia Cultural**. Trad. Celso Castro. 5. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DAMATTA, Roberto. **Revitalizando uma introdução à antropologia social**. 8 Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

HARRIS, Marvin. **Antropologia Cultural**. 4. Ed. Antropologia Alianza Editorial, 1996.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LIDORIO, Ronaldo. CONCEITUANDO A ANTROPOLOGIA. **Revista Antropos** – Volume 3, Ano 2, Dezembro de 2016.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. **Funcionalismo. Veredas de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, Vol. 1. N. 2, 2015.

SABINO, César e CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares. Estrutural-funcionalismo antropológico e comensalidade: breves considerações sobre a mudança social. **Revista: Demetra- alimentação, nutrição & saúde**. V.3, n. 8, 2013.

SILVA, Ângela Maria Gomes da. **Relações entre teoria da identidade e funcionalismo na filosofia da mente**. [FFLCH-Fac. Fi. Let. C. Humanas] 11486N. 2011.

SILVERWOOD-COPE, Peter Lachlan. **Os Maku: Povo caçador do noroeste da Amazônia**. Brasília: UnB, 2015.

SIQUEIRA, Euler, David. **Antropologia: uma introdução. Sistema Universidade Aberta do Brasil**, 2007.

TEIXEIRA, I. Estruturalismo. In Cult: **Revista Brasileira de Literatura**, (15), 2008.